

---

### **UMA TIPOLOGIA DO PENTECOSTALISMO CATÓLICO: A RCC EM ONDAS\***

---

Antônio Lopes Ribeiro\*\*

*Resumo: na década de 60 a Igreja Católica passou por uma substancial reforma interna promovida pelo Concílio Vaticano II, que abriu suas portas para a era contemporânea. Esse concílio, além de valorizar a participação do leigo na igreja, proporcionou o surgimento de importantes movimentos dentre os quais destacamos a RCC. O presente artigo pretende disponibilizar tipologicamente três etapas históricas desse movimento que mudou a maneira de ser da Igreja Católica no mundo de hoje.*

*Palavras-chave: RCC. CEBs. Pentecostalismo católico. Neopentecostalização. Novas comunidades.*

**H**istoricamente a Igreja Católica sempre foi marcada por movimentos internos ou externos, perante os quais reagiu de forma positiva ou negativa. Em muitos casos, tal reação ocasionou consideráveis mudanças internas resultando em formulação ou reformulação de doutrinas, ou formulação de dogmas. Com uma estrutura hierárquica bastante rígida, tendo na figura do Papa uma pessoa infalível e muitas vezes ‘implacável’ em suas decisões, a Igreja Católica sempre procurou extirpar de seu seio movimentos que viessem a se constituir uma ameaça ao seu poder de governar o mundo cristão.

Sua influência se fez sentir no mundo inteiro, principalmente no ocidente, por quase dois milênios até perder sua hegemonia com o advento da secularização, quando então se viu relegada à esfera privada. Somado

a isso, a mesma se viu cada vez mais impelida a promover um “aggiornamento” interno para não ficar à margem das grandes transformações que estavam ocorrendo no mundo moderno.

Assim, promove o Concílio Ecumênico Vaticano II, a fim de contextualizar-se com as realidades prementes de um mundo em mudança, conforme expressa em seu primeiro documento, a *Sacrosanctum Concilium* (SC), cuja proposta tinha por objetivo: “fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às exigências do nosso tempo aquelas instituições que são suscetíveis de mudanças, favorecer tudo o que pode contribuir à união dos que crêem em Cristo, e revigorar tudo o que contribui para chamar a todos ao seio da Igreja” (SC 1).

Com esse Concílio, a Igreja Católica saía de um longo período de conservadorismo, abrindo suas portas para o mundo. Tal abertura, porém, conforme salienta o Pe. Mário de França Miranda (2006, p. 160), “trouxe para dentro [...] da Igreja] a sociedade pluralista, com suas diferentes matrizes culturais”. Segundo esse autor, “mesmo rejeitando o que nesse pluralismo se opõe ao Evangelho, como o individualismo, o hedonismo ou o culto à produtividade e ao lucro, a Igreja vê nascer em seu interior certa diversidade de expressões na fidelidade à mesma fé” (MIRANDA, 2006, p. 160).

Além das grandes mudanças que promoveu no que se refere à liturgia, à abertura ecumênica e interreligiosa, dentre outras, o Concílio Vaticano II fomentou o surgimento de super-pastorais como a Pastoral da Terra (CPT), a Pastoral Operária (PO), as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Conselho Indigenista Missionário (Cimi) (LENZ, 1992, p. 125), que se alimentaram do néctar da Teologia da Libertação, que por sua vez também ganharia força com esse Concílio, até a posse do Papa João Paulo II. Foi nesse contexto pós-conciliar, de um “aggiornamento” que mudou a face da Igreja Católica, que a Renovação Carismática Católica (RCC) a exemplo dos outros movimentos, também encontrou terreno fértil para instalar-se.

Desde seu aparecimento nos Estados Unidos, em 1967, até os dias de hoje, a RCC é o movimento que mais vem crescendo e ganhando força dentro da Igreja. Sempre vista por muitos conservadores como um protestantismo dentro do próprio catolicismo, tendo como diferencial a crença em Maria, no entanto a RCC sempre procurou “reafirmar sua identidade confessional” (MENDONÇA, 2002, p. 259).

Aos poucos esse movimento vai se consolidando como a maior esperança católica, como uma nova maneira de ser igreja e de ser cristão.

Embora haja rejeições por parte de fiéis tradicionais e de autoridades eclesiásticas, a RCC não é um movimento sectário e ganha força cada vez mais com a crescente adesão de leigos, padres e bispos, que lhe dão força e legitimidade. Em resumo: A RCC veio para ficar.

O presente artigo objetiva apresentar o período histórico percorrido por esse movimento, que conta com aproximadamente quatro décadas de existência, em uma representação tipológica formada por três ondas.

## RCC: UM MOVIMENTO DE DUPLA REAÇÃO

Desde seu surgimento, a RCC sempre causou polêmica: de um lado porque fica bastante evidente sua semelhança com o pentecostalismo, tendo como diferencial apenas o fato da crença em Maria, da obediência à doutrina e dogmas da Igreja Católica, bem como ao papa (e isso lhe dá sua identidade pentecostal católica). Trata-se de um “movimento religioso que põe em evidência, expõe, as diferentes e contrárias posições ideológicas, doutrinárias e pastorais existentes no episcopado brasileiro” (ORO, 1996, p. 113). Em função disso, é vista principalmente pela ala progressista da Igreja (Teologia da Libertação), como sendo um “movimento descompromissado com a transformação da sociedade e desengajado com as várias pastorais”, além dos “excessos e abusos nas práticas religiosas”. Por outro lado, a ala moderada da igreja (os conservadores), embora não estejam “de acordo com todas as práticas rituais carismáticas”, tendem a considerá-la “como um ‘fermento renovador’, uma ‘graça para a Igreja’, que se traduz em maior espiritualidade, santidade e vínculo dos fiéis à igreja” (ORO, 1996, p. 113).

Seguindo esta lógica de pensamento (conforme acima exposto), a RCC pode ser pensada como um movimento de dupla reação (PRANDI, 1998, p. 11): uma interna e outra externa. Internamente, no âmbito da Igreja Católica, compete com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e externamente, tem como grande adversário religioso, seu concorrente direto, o pentecostalismo (que na sua disposição tipológica histórica mais recente recebe o nome de neopentecostalismo).

Para a ala conservadora da Igreja que a incentiva direta ou indiretamente, a RCC (usando uma expressão chula), é como uma arma a “matar dois coelhos com um tiro só”, no sentido de “agir simultaneamente em duas frentes visando restringir ao mesmo tempo o poder e a ação expansionista do pentecostalismo e [o poder e a ação] dos setores progressistas católicos [CEBs e teologia da libertação]” (ORO, 1996, p. 114).

Internamente, no âmbito da Igreja Católica, a RCC “se estruturou e se expandiu nacionalmente, ganhando a adesão do clero, simultaneamente ao refluxo das Comunidades Eclesiais de Base” e da “asfixia da Teologia da Libertação” (SOUZA, 2005, p. 20), que se deu após a eleição do Papa João Paulo II. A oposição entre RCC e CEBs (uma extensão visível da TL), se verifica facilmente na forma em que esses movimentos atuam: a primeira, de forma ‘vertical’ e a segunda, de forma ‘horizontal’. Enquanto a RCC se caracteriza por uma atuação que se dá de forma vertical, com uma religiosidade centrada na intimidade, cuja leitura fundamentalista dos textos bíblicos a transforma numa dispensadora de valores pautados por um “acentuado controle moral no âmbito da família, dos costumes e da sexualidade, [desinteressando-se] completamente [pelos] problemas de caráter coletivo, e, por conseguinte, da militância política” (PRANDI, 1998, p. 11), as CEBs, por sua vez, estão preocupadas com “a sociedade e suas estruturas, especialmente no que diz respeito às questões de justiça social” (PRANDI, 1998, p. 11), atuando num âmbito horizontal, motivadas por uma leitura crítica da Bíblia, que se constitui numa vivência religiosa traduzida na “ação” cotidiana, tendo como lema a “opção preferencial pelos pobres”.

RCC e CEBs, portanto, são movimentos que caminham em sentido contrário: enquanto o primeiro tende a acomodar-se cada vez mais no seio da Igreja, por não questionar nada, tendo como estratégia aderir-se “à estrutura eclesiástica, conquistando paróquias e bispados” (PRANDI, 1998, p. 33), os segundos, embora tenham espaço para sua atuação, se enfraquecem cada vez mais, principalmente por politizarem sua prática e seu discurso (BENEDETTI, 2001, p. 44). Enquanto a RCC “dá ênfase à subjetividade, à solução individualizada dos problemas”, as CEBs, por sua vez, “se preocupam com os problemas sociais, são portadoras de uma ótica comunitária, mas esquecem os problemas pessoais, individuais” (BENEDETTI, 2001, p. 65).

A RCC “dá ênfase à subjetividade, à solução individualizada dos problemas”, enquanto que as CEBs “se preocupam com os problemas sociais, são portadoras de uma ótica comunitária, mas esquecem os problemas pessoais, individuais” (BENEDETTI, 2001, p. 65). Seguindo a linha de pensamento de Marx, no que se refere à alienação, nota-se que “para o carismático, Deus resolve tudo, há pouco (ou nenhum) lugar para a liberdade, o compromisso pessoal, a responsabilidade histórica. Já para as

CEBs [alinhadas com a Teologia da Libertação, próxima da ideologia marxista], o ponto de partida da fé é a mediação histórica, a responsabilidade e o compromisso livremente assumido, como expressão de fé verdadeira” (BENEDETTI, 2001, p. 65). Esse é o principal diferencial entre esses dois movimentos. Enquanto as CEBs ideologicamente se situam num contexto de desencantamento do mundo, de uma religião racionalizada, ‘uma fé pés no chão’, a RCC, por suas próprias características, se apresenta como um retorno ao “jardim encantado” (WEBER, 1982, p. 183), um mundo mágico, povoado por espíritos, deuses e demônios.

Externamente, a RCC é um movimento em constante oposição ao pentecostalismo, por mais paradoxal que seja. Historicamente esse movimento católico foi beber em águas estrangeiras, cuja fonte, por sua vez, tem como um irmão gêmeo, uma espécie de espelho, no qual se contempla (não de forma narcisista), e, no entanto, apesar de todas as semelhanças, se encontra em constante oposição e tensão: o pentecostalismo protestante, seu correspondente dentro do campo religioso brasileiro, em suas três versões: clássica, ‘intermediária’ e atual.

Podem até parecer contraditório, mas apesar da oposição que a RCC mantém frente ao pentecostalismo, é nele que se inspira e é ali que extrai “concepções e práticas religiosas muito similares” (PRANDI, 1998, p. 11), que servirão de base para se colocar como forte concorrente na disputa pelo bem mais precioso no mercado religioso atual que é o fiel: de um lado, com vistas a resgatá-lo de volta para o seio da igreja, ou até mesmo para convencê-lo a não sair dela, de outro, porque o mesmo se traduz em garantia financeira para sustentação própria da igreja e enriquecimento de seus fundadores. De acordo com Oro (1996, p. 117), “as fronteiras que separam a RCC e o pentecostalismo não são tão nítidas quanto aquela que historicamente separava o catolicismo do protestantismo”. Embora ambos os movimentos lutem por evidenciarem uma identidade (do lado da RCC a crença em Maria já é um elemento identitário), há mais pontos de convergência do que de divergência. A RCC conserva do pentecostalismo “o mesmo princípio pentecostal da atualização dos dons particulares do Espírito Santo, inclusive a glossolalia e a cura” (ORO, 1996, p. 117). Uma prática recente do neopentecostalismo, a exorcização do demônio, também está presente na RCC e não raras vezes a encontramos nas missas de cura e libertação ou em reuniões em grupos de oração.

Embora haja rejeições internas, a RCC não é um movimento sectário e se fortalece cada vez mais com a crescente adesão de leigos, padres e bispos, que lhe dão força e legitimidade.

## UMA FORMULAÇÃO TIPOLÓGICA DO PENTECOSTALISMO CATÓLICO

Em sua tese de doutorado em sociologia, o inglês naturalizado brasileiro, Freston (1993, p. 66), afirmou que “o pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de *três ondas* de implantação de igrejas”. A primeira onda, que remonta à década de 1910, é composta pela Congregação Cristã (1910) e Assembléia de Deus (1911). A segunda onda, cujo período histórico corresponde entre os anos 50 e início dos anos 60, é composta por “três grandes grupos”: “Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962)”. A terceira onda surge no final dos anos 70, ganhando força nos anos 80, tendo como “principais representantes [...] a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980).”

Essa tipologia viria a ser modificada posteriormente por Mariano (2005, p. 28-32), acrescentando a Casa da Bênção (1964) na segunda onda, e ampliando consideravelmente a terceira onda, onde incluiu as igrejas: Cristo Vive (1986), Comunidade Sara Nossa Terra (1976), Comunidade da Graça (1979), Renascer em Cristo (1986), Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994), Comunidade Cristã Paz e Vida (1966); Renascer em Cristo (1986), Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994); Comunidade Cristã Paz e Vida (1996); Igreja do Avivamento Contínuo (2002).

Identificamos uma tipologia semelhante a esta de Paul Freston (em termos de recursos metodológicos e não de correspondência unívoca), no que se refere ao pentecostalismo católico, em Carranza (2009), autora que merece destaque pelo trabalho que vem desenvolvendo no campo de pesquisa sobre o catolicismo contemporâneo, principalmente sobre a RCC.

Em conformidade com o que expõe CARRANZA (2009, p. 33-34), a primeira etapa (‘primeira onda’) corresponderia à etapa fundacional; a segunda etapa (‘segunda onda’), corresponderia à proliferação dos “padres e leigos cantores”; a terceira etapa (‘terceira onda’), corresponderia a uma “neopentecostalização católica”.<sup>1</sup>

## Primeira Onda: a etapa fundacional

A exemplo do pentecostalismo clássico (que teve como marco histórico o evento Azusa Street, 60 anos antes), a RCC teve seu início também nos Estados Unidos, em 1967. Um grupo de leigos católicos que fazia parte do corpo docente da Universidade Duquesne, encontrava-se reunido em Pittsburgh, para refletir sobre sua vida religiosa e experimentou a “presença do Espírito Santo, com o falar em línguas e recebimento do dom da profecia, tal como ocorrido no episódio bíblico de Pentecostes, narrado no livro Atos dos Apóstolos” (SOUZA, 2005, p. 20). A partir daquele momento, aquele grupo passou a “viver aquela experiência de êxtase espiritual, vindo a compor um movimento internacional chamado Renovação Carismática Católica – RCC” (SOUZA, 2005, p. 20).

O surgimento da RCC não poderia encontrar um momento mais propício: Viviam-se um clima de abertura, de “revivescência pós-conciliar” (CARRANZA, 2000, p. 16). A Igreja Católica havia passado por uma verdadeira reforma interna, um aggiornamento, com a realização do Concílio Vaticano II, que acabou por fertilizar um terreno antes árido, tornando-o agora totalmente fértil para o florescimento de novas expressões religiosas, novos movimentos, dentre os quais, destaca-se a própria RCC e as CEBs (um braço direito da Teologia da Libertação, que também ganharia força até seu declínio pós-João Paulo II).

A RCC chegou ao Brasil “graças ao fervor de dois sacerdotes Jesuítas [Haroldo Rahm e Eduardo Dougherty]<sup>2</sup> que transformaram a cidade de Campinas (SP), no seu epicentro, a partir do qual se espalharia, por toda a geografia eclesial, o fogo do Espírito” (CARRANZA, 2009, p. 33). Dali o movimento foi aos poucos se espalhando para o Brasil inteiro e como não poderia ser diferente, devido às proporções que o mesmo tomou, passou por um processo de burocratização e rotinização do carisma (WEBER, 1991, p. 279ss).

Nenhum outro movimento cresceu tanto quanto a RCC, desde seu surgimento. Sua proximidade com o pentecostalismo foi motivo de rejeição interna principalmente por parte da ala progressista da Igreja Católica (leia-se Teologia da Libertação). Isso, porém, não foi suficiente para frear seu crescimento, e já no final da década de 70, sua presença já era significativa no Brasil, vindo a se consolidar institucionalmente, espalhando-se pelo território brasileiro, no decorrer da década de 80 (CARRANZA, 2000, p. 16). Atualmente a RCC encontra-se organizada no Quadro 1.

## Quadro 1: Organização da RCC

ORGANIZAÇÃO DA RCC		
NÍVEL NACIONAL	NÍVEL ESTADUAL	NÍVEL PAROQUIAL
Conselho Nacional, Conselho Fiscal, Presidência, Escritório Administrativo, Órgãos de Assessoria (Ministérios Nacionais e Comissões Nacionais);	Conselho Estadual, Conselho Fiscal, Presidência, Escritório Administrativo, Órgãos de Assessoria (Ministérios Estaduais e Comissões Estaduais).	Conselho Diocesano, Conselho Fiscal, Presidência, Comissão Executiva (Equipe de Serviço) Comunidades, Escritório Administrativo, Órgãos de Assessoria (Ministérios Diocesanos e Comissões Diocesanas); Grupos de Oração, Núcleo do Grupo de Oração (Ministérios e outros serviços)*

\* Disponível em: <<http://www.rccbrasil.com.br/interna.php?paginas=40>>.

O Conselho Nacional é considerado o “Guardião” da RCC. É sua instância superior, sendo de sua competência manter a unidade do movimento, através de planejamento e discernimento de suas ações (ORO, 1996, p. 109). É formado por leigos, tendo como Diretor Espiritual o bispo D. Alberto Taveira Corrêa. Faz parte do conselho, como membros convidados, os fundadores da RCC Pe. Eduardo Dougherty e Pe. Haroldo J. Rahm, além de Mon. Jonas Abib e de Helena Lopes Rios Machado<sup>4</sup>.

Normalmente acompanhados por um sacerdote,

os grupos de oração constituem a base da Renovação. Organizados nas paróquias, eles são formados por um número variado de pessoas, geralmente entre 10 e 50, que se reúnem semanalmente, liderados por leigos, nas igrejas ou nas dependências das paróquias (ORO, 1996, p. 111).

Além dos grupos de oração, a RCC conta ainda com Encontros de Oração em fins de semana, ao estilo dos retiros espirituais, que se dá a nível paroquial ou diocesano, tendo como objetivo o aprofundamento e o conhecimento da RCC e a preparação de novos líderes (ORO, 1996, p. 112). Anualmente, a RCC realiza os Cenáculos, em cada Estado brasileiro. Os mesmos consistem em “grandes encontros que reúnem milhares de pessoas em estádios de futebol, ou ginásios esportivos, onde, em estado de

grande exaltação emotiva, efetuam um dia de louvor semelhante ao que se passa nos grupos de oração” (ORO, 1996, p. 112).

## Segunda Onda: proliferação dos padres e leigos cantores

A segunda onda, refere-se à consolidação cultural e social da RCC, conforme explicita Carranza (2009, p. 34). Com o propósito de atrair os fiéis afastados, a RCC criou a seguinte fórmula: “música, lazer e oração”, capaz de mobilizar milhões de fiéis. Em torno dessa fórmula de sucesso, “centenas de jovens congregaram-se em bandas de música, proliferaram padres e leigos cantores e multiplicaram-se iniciativas, atividades e projetos sócio-caritativos que visibilizavam um novo jeito de ser católicos” (CARRANZA, 2009, p. 34).

Os motivos que levam alguém á RCC (que igualmente poderiam levar ao neopentecostalismo), giram quase sempre em torno de uma religiosidade de caráter fortemente emocional. A exemplo dos pentecostais, segundo Mariz (2001, p. 25, grifo nosso) os que procuram a RCC, o fazem à busca de:

- 1) um Cristo real ou um Deus vivo, que realize milagres no dia-a-dia e traga soluções imediatas para seus problemas concretos; 2) ‘expressar suas emoções, cantar, dançar’; 3) liberdade de expressão, autonomia do grupo e poder para os leigos. Leigos querem pregar, dizer o que pensam, e as pessoas querem decidir sem pedir permissão ao clero.

A Igreja Católica custou a descobrir, mas enfim descobriu que a RCC parece ser a solução certa, a comporta para conter o escoadouro de fiéis, a contrapartida católica contra as investidas do pentecostalismo, que para com ele travar uma “guerra santa” num concorrido mercado religioso, irá utilizar das mesmas armas do concorrente, assimilando seus métodos e práticas cotidianas, muito embora seja criticada por isso, “pela ala progressista da Igreja que recrimina seus colegas que usam o mesmo método das seitas” (ORO, 1996, p. 99). De acordo com Oro (1996, p. 108), “entre os vários movimentos e/ou pastorais realizados pela igreja católica no Brasil visando alcançar, direta ou indiretamente, o duplo objetivo de reter os seus fiéis e de barrar o avanço pentecostal, destaca-se a Renovação Carismática Católica”.

Vejam: constata-se facilmente que um dos filões mais rentáveis no meio evangélico (tanto financeiramente quanto como poderoso meio de

evangelização), é a música. O que faz com que uma cantora gospel como a Cassiane (da Assembléia de Deus) se torne campeã de vendas no meio evangélico com mais de três milhões de discos vendidos, se tornando a queridinha da MK Publicitá? Além de atribuir seu sucesso a Deus, “ela avalia que o êxito também ocorre pelo fato de não se ‘fechar em um só ritmo’: ‘Canto forró, pop, flamenco, romântico e música estilo adoração’” (CUNHA, 2007, p. 90).

Outra campeã é Aline Barros, que além de ter gravadora própria, tornou-se *pop star* internacional ganhando por duas vezes o Prêmio Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Cristã. Após desfilarem pelos principais estúdios de TV do país e ser matéria de revistas e jornais, tanto religiosos quanto seculares, Aline Barros “ficou conhecida no cenário evangélico como ‘a primeira artista gospel a abrir portas nos principais veículos de comunicação do país’” (CUNHA, 2007, p. 90).

Dentre tantos cantores evangélicos que fizeram sucesso, citamos estes dois casos para mostrar o poder que a música gospel exerce sobre as pessoas que buscam vivenciar fortes emoções, sem contar que tais cantoras sempre aliam à música, quando em seus shows, momentos de oração, de leituras bíblicas e de adoração, tudo num clima de intensa emoção, em função do êxtase causado pela música. Sim, a música tem esse poder de causar o êxtase nas pessoas. Se não, porque as missas de cura e libertação sempre são precedidas por longos momentos de música fortemente ritmada e carregadas de emoção?

De nosso lado, o católico, sempre tivemos o Pe. Zezinho com suas inesquecíveis músicas. Quem não se emociona ao ouvir “utopia”, “um certo Galileu”, “oração pela família”? Pe. Zezinho é sem dúvida um grande compositor cujo esmero em suas letras é algo de causar inveja, devido ao uso corretíssimo da língua portuguesa e à fidelidade milimétrica à métrica musical. Mas os tempos são outros. O mercado religioso ‘musical’ atual está longe de contemplar a boa “música” no sentido pleno da palavra. Se tem ritmo que leve a pessoa a se sacudir, rebolar, pular, gesticular, não importa a letra. Hoje, tudo é música e música que vende! Os tempos mudaram e a Igreja Católica não poderia ficar atrás nesse concorrido mercado religioso em que a música “gospel” passou a ser um produto de alto consumo.

Num contexto de religião posta em mercado, sempre se busca copiar aquilo que deu certo para um determinado concorrente. Não poderia ser diferente com a Igreja Católica. A RCC não perdeu terreno. Tratou logo de incrementar uma maneira, uma forma ou fórmula (música-lazer-oração) de atrair fiéis e até mesmo (num sonho utópico) resgatar ovelhas

perdidas para o seu aprisco. Assim, propiciou o surgimento dos padres, com uma linguagem atrativa aos jovens, com ares de simpatia, primando pela simplicidade, com missas mais em forma de shows do que propriamente missas – “show-missa”. Um aceno para novos tempos na Igreja. Um novo conceito de missa, sem deixar de ser velho: Uma mescla do ritual litúrgico tradicional com ritmos, gestos, pulos; com “inserção de temas e *hobbies* atuais da juventude” em seus discursos (pregações, homilias); com “ginástica” (aeróbica do Senhor); “apelos e *slogans* que bandas e músicas modernas propiciam, dirigidos por padres pop, também ditos padres cantores” (NOGUEIRA, 2000, p. 140).

De repente, a música gospel explode, desta vez e para orgulho de milhões de católicos (a cifra dos carismáticos está na casa dos milhões), iniciando-se assim a era dos “padres cantores”<sup>5</sup>, dos padres ‘pop star’s’. Quem não se lembra daquele padre esquelético, de nariz adunco, com vestes sacerdotais brancas, amarrada com um cordão à cintura (ao estilo dos frades franciscanos), de sandálias, pulando, gesticulando e cantando em ritmos de “yé, yê, yê”, do “vira”, do “axé”, com um terço na mão, encantando platéias inteiras nos “shows-missas”, nas rádios e na televisão? Os programas das tardes de domingo passaram a ter com frequência, a presença da pessoa alegre, jovial e carismática do Pe. Marcelo Rossi, ora na Rede Globo, ora no SBT, tornando-se um ícone da Igreja Católica na década de 1990, “ganhando considerável projeção na sociedade abrangente e provocando mudanças na vida interna da própria igreja” (SOUZA, 2005, p. 79). Até então, seria algo impensável no imaginário católico, “que um padre se tornasse uma vedete da mídia e alcançasse tamanha popularidade” (SOUZA, 2005, p. 79). Assim, apesar das resistências e das críticas, criou-se um novo fenômeno no meio católico, um ícone no qual se espelharia tantos outros padres cantores. Longe de ser um eximo cantor, Pe. Marcelo Rossi no entanto, com toda simplicidade, atrai multidões de fiéis. Seguindo os rituais tradicionais da Igreja Católica em suas missas (afinal, antes de tudo, é um sacerdote), dá-lhe um tom especial, inserindo músicas “coreografadas” (RAMOS, 2001). Assim, “o altar torna-se palco e Padre Marcelo, um *mega star* que, acompanhado por uma banda e por ‘bailarinos’ – os coroinhas – leva o ‘público – os fiéis – ao delírio” (RAMOS, 2001, p. 32). Milhares e milhares de pessoas, seja qual for a idade, cultura ou classe, vão até ele, em busca de conforto espiritual e de soluções para seus problemas cotidianos (não resolvidos na esfera pública). Nem que seja por apenas poucos momentos, deixam atrás de si “as contradições da sociedade” (RAMOS, 2001, p. 32).

Nas décadas de 70 e 80, no embalo da teologia da libertação, Leonardo Boff foi “a referência de sacerdote”, devido principalmente “ao aprimoramento intelectual e, sobretudo, ao engajamento político” (SOUZA, 2005, p. 93). A partir da década de 1990 (até que alguém prove o contrário), o exemplo a ser seguido, passou a ser o Pe. Marcelo Rossi, criador da grife “O Terço Bizantino”.<sup>6</sup> O Pe. Marcelo conjuga ao mesmo tempo a fórmula que a partir dele viria a dar certo na Igreja Católica, como um grande trunfo da RCC: “música-lazer-oração” (CARRANZA, 2009). Seu exemplo é sempre seguido não necessariamente somente por padres (Pe. Zeca, Pe. Jorjão, Pe. Fábio de Melo), mas também por leigos, “cantores da fé”<sup>7</sup>, a exemplo de Dunga, Celina Borges, Adriana, Walmir Alencar, que se tornam ao mesmo tempo: cantor, animador e pregador, em ‘atividades-shows’ que envolvem a “música-lazer-oração”.

### Terceira Onda: a neopentecostalização católica

Embora seja novidade no meio católico, o termo “neopentecostalização” utilizado por Brenda Carranza (2009, p. 34), para descrever “uma terceira fase na RCC”, a qual designamos de terceira onda, o mesmo não é novo. Certamente Carranza inspirou-se em Ricardo Mariano<sup>8</sup> (2005), que por sua vez foi buscar esse substantivo, no adjetivo “neopentecostal”<sup>9</sup>, cunhado na década de 70, nos EUA, caindo em desuso por lá, após ser “nomeado de carismático” (MARIANO, 2005, p. 33).

A neopentecostalização católica se refere a “um novo desdobramento” do “desenvolvimento histórico da Renovação [Carismática Católica]”, em princípios do século XXI, tendo como responsáveis para isso, dois elementos que são: “A proliferação da diversidade de expressões comunitárias inspiradas na performance carismática, denominadas de Novas Comunidades, e a opção preferencial pela cultura midiática encampada por alguns setores episcopais, do clero e de alguns leigos” (CARRANZA, 2009, p. 34). A causa desse desdobramento se deve aos dados alarmantes do censo do IBGE/2000, “que sinalizam para a evasão do rebanho católico e o acelerado avanço do pentecostalismo e neopentecostalismo protestante”. Como reação, os segmentos da Igreja (Episcopado, clero e leigos) passaram a se esforçar no sentido de “recuperar, com as mesmas estratégias mercadológicas, a hegemonia perdida” (CARRANZA, 2009, p. 34).

No que se refere ao primeiro elemento, as “Novas Comunidades”, segundo Mariz (2009, p. 161), esta expressão “foi incorporada na linguagem da hierarquia e dos fiéis da Igreja Católica no Brasil e no exterior para

se referir às várias comunidades que surgiram inspiradas pela Renovação Carismática Católica (RCC)”. Não só essas Novas Comunidades se inspiraram na RCC, mas “bebem das mesmas fontes ideológicas [desta] ao se alinhar às demandas de totalidade espiritual de Roma, portanto, mantém as mesmas bandeiras de defesa da moralidade católica, convertendo-se em fiéis bastiões da neocristandade” (CARRANZA, 2009, p. 43). Durante uma comunicação feita no 23º Congresso Internacional SOTER 2010, Brenda Carranza ao descrever uma das características da neopentecostalização católica, fez referência a um “novo estilo”, um “catolicismo de exportação com estilo próprio”. Mariz (2009), de certa forma confirma isso, ao afirmar ter-se surpreendido durante pesquisa sobre as “novas comunidades”, “com a rápida expansão nacional e transnacional dos grupos fundados no Brasil”. De acordo com essa autora, “justificadas pela valorização de um projeto missionário global [salientado pelo Concílio Vaticano II], as comunidades procuram abrir ‘casas’ em várias localidades do mundo e tornam os seus sites transnacionais, disponibilizando informações em vários idiomas” (MARIZ, 2009, p. 162). Para ela, isso não é novidade, porque a Igreja Católica “desde o seu início, foi transnacional, e muitas ‘novas comunidades’ também o são. A novidade é o fato de leigos católicos brasileiros se proporem ir para o exterior realizar trabalho missionário” (MARIZ, 2009, p. 162). Tradicionalmente uma “terra de missão’, tanto para católicos como para protestantes, [o Brasil] [se] torna[...] exportador de missionários” (MARIZ, 2009, p. 164). Esse é o “novo estilo”, um “catolicismo de exportação com estilo próprio”, apontado por Carranza (2010). Esta autora denomina as Novas Comunidades de “exército de *pequenas células fervorosas*”, cujo estilo evangelizador, a exemplo da RCC, “educam a sensibilidade dos fiéis, estabelecem parâmetros que definem um ‘novo jeito de ser Igreja’, de ser ‘padre’, de ser ‘seminarista’, facilitam novos recursos de experienciar o sagrado e é atribuído a elas o boom vocacional para a vida religiosa (CERIS, 2003)” (CARRANZA, 2009, p. 41).

Com relação ao segundo elemento, “opção preferencial pela cultura midiática” (um trocadilho com a “opção preferencial pelos pobres), a Igreja Católica demorou muito para dar sua resposta ao avanço “neopentecostal” que exerce sua maior influência justamente pelo intenso uso dos recursos midiáticos. Essa demora em “se inserir nos espaços comunicacionais”, mostra uma dupla incapacidade: de “gerir veículos de transmissão [...] [e de] se apropriar da linguagem midiática” (CARRANZA, 2009, p. 41). Ao inserir-se tardiamente no contexto dos meios de comunicações, se resguardando da “ilusão de poder estar na mídia sem ser da mídia”, a RCC

“inaugura uma nova fase da Igreja: o catolicismo midiático, compreendido como uma versão religiosa da sociedade de consumo que, em nome da evangelização autoriza a Igreja a se apropriar da cultura midiática.” (CARRANZA, 2009, p. 43). Esse acordar tardio da Igreja Católica ao chamado de João Paulo II, “*de evangelizar por todos os meios*”, se torna visível no “no cenário televisivo religioso”, num curto espaço de tempo, “a começar pela Rede Vida: o Canal da Família (1995), seguida pela TV Século XXI e, logo, a TV Canção Nova, entre outras.” (CARRANZA, 2009, p. 41-2). Esta fase do catolicismo midiático, juntamente com as Novas Comunidades, dão sentido à hipótese levantada por Carranza de uma “neopentecostalização católica”, representando “a volta ao catolicismo das multidões (registrada na segunda metade do século passado), desta vez focado na sociedade do espetáculo para visibilizar a Igreja” (CARRANZA, 2009, p. 44).

## CONCLUSÃO

Esta nova maneira de ser igreja, proporcionada pela RCC, faz com que a prática tradicional do catolicismo se torne algo que ‘cheira a mofo’. O velho parece não querer ceder espaço para o novo, mas aos poucos, a igreja vai se renovando em sua forma de ser igreja, melhor dizendo, em sua forma de ser carismática. O imaginário católico está se transformando e mesmo para aqueles que teimam em não aceitar o estilo “RCC”, e porque não dizer, “neopentecostal” católico, se torna impossível não perceber que a maneira tradicional de celebrar implica num esvaziamento das igrejas. Muitos padres que teimam em celebrar no estilo tradicional (principalmente em cidades onde a RCC se faz presente), geralmente o fazem para uma igreja vazia. Celebra para bancos vazios e não para as pessoas. Isto é fácil de verificar. Basta assistir a uma missa cujo padre é da RCC, ou que no mínimo incorpora os modismos da RCC<sup>10</sup>, para constatar o quanto as igrejas são lotadas, muitas vezes com gente do lado de fora.

Esta é a nova cara da Igreja Católica, que aos poucos vai recuperando o tempo e o espaço perdido. Seu maior trunfo como reação ao avanço pentecostal é a RCC presente na internet, no rádio, na televisão, nos jornais, nas revistas, nos livros, enfim, de tudo o que estiver ao seu alcance e que lhe dê possibilidade de uso, mesmo que para isso tenha que usar das mesmas estratégias mercadológicas de marketing do concorrente.

Por longos anos a igreja dormitava frente aos avanços tecnológicos e enquanto isso, sem o perceber (somente percebeu pela evidência de dados estatísticos), foi perdendo fiéis, como que num fluxo hemorrágico cons-

tante, sem no entanto se fazer notar. Agora, mesmo que não consiga trazer de volta os fiéis que migraram para o mundo evangélico (mundo porque há uma diversidade enorme de “igrejas” pentecostais e neopentecostais a cada esquina), no mínimo vai conter o escoadouro. O fiel católico, “batizado na igreja”, cada vez mais exigente, que se sente o centro das atenções neste mundo secularizado, sempre à procura por bens de salvação, por aquelas ofertas religiosas que venham a satisfazer suas necessidades (que o poder público não satisfaz), mas que para tanto não gostaria de abrir mão de sua fé confessional, para e reflete: Porque buscar do lado de lá se aqui temos tudo que se tem lá? Assim, vai se fechando o escoadouro e a comporta que o fecha tem um nome: RCC Neopentecostalizada.

## A TIPOLOGY OF THE CATHOLIC PENTECOSTALISM: THE RCC IN WAVES

*Abstract: in the 60s the Catholic Church had a substantial internal reform promoted by Vatican Council II, which opened its doors to the contemporary era. This council gave importance for the participation of the laity in the church and provided the appearance of significant movements among which the RCC stands out. This article has the objective of typologically provide three historical stages of this movement that changed the Catholic Church's position and attitudes in the world nowadays.*

*Keywords: RCC. CEBs. Catholic Pentecostalism. Neopentecostalism. New communities.*

### Notas

- 1 Essa tipologia que situa em períodos históricos o pentecostalismo católico foi reafirmada pela pesquisadora, em comunicação intitulada “Mobilidade religiosa e exportação de estilos”, feita no GT 10 – Movimentos religiosos contemporâneos, no 23º Congresso Internacional SOTER 2010, realizado na PUC/MINAS, no período de 12 a 15 de julho de 2010, a qual tivemos a oportunidade de participar como ouvinte.
- 2 Esses dois sacerdotes tem atuações diferentes: O Pe. Haroldo Rahm concentra sua atuação nas “Fazendas do Senhor Jesus”, da qual é fundador, “destinadas ao tratamento de alcoólatras e viciados em drogas” (PRANDI, 1998, p. 51), enquanto que o Pe. Dougherty atua na Associação do Senhor Jesus (ASJ), da qual é fundador, no ano de 1980, em Campinas, vindo posteriormente a se

- transformar na TV Século 21, em 2003. De acordo com Prandi (1998, p. 51), o Pe. Dougherty “entende que o objetivo maior do cristão é a evangelização”.
- 3 Disponível em: <<http://www.rccbrasil.com.br/interna.php?paginas=40>>.
  - 4 Disponível em: <<http://www.rccbrasil.com.br/interna.php?paginas=40>>.
  - 5 No meio acadêmico é consenso associar a era dos “padres cantores”, com o nome de Pe. Marcelo Rossi, como sendo seu iniciador.
  - 6 O Terço Bizantino consiste numa oração mais simples do que o terço convencional. É rezado em menos tempo, sendo portanto apropriado “aos dias correntes em que ‘as pessoas não têm tempo para nada’” (SOUZA, p. 84).
  - 7 “cantores da fé” é um termo alternativo a “padres cantores”. Alguns padres e leigos “que usam a música como ministério pastoral” usam esse termo como “uma contestação a essa denominação [padres cantores]” (BOGAZ, 2003, p. 46, nota de rodapé). Segundo esse autor, “num encontro realizado no Centro de estudos do Sumaré, na diocese do Rio de Janeiro, o Pe. Zezinho utilizou e tematizou esta diferenciação” (p. 46).
  - 8 Mariano utilizou o termo “neopentecostalização”, para explicar “a crescente influência exercida pelas igrejas neopentecostais [...] sobre as demais e a ânsia destas de absorverem e reproduzirem as novas crenças e práticas de sucesso e agrado das massas”. Aquilo que denominou de processo de “neopentecostalização”, envolvia tanto a influência das igrejas neopentecostas, quanto a disposição das outras igrejas (históricas) “de incorporar os modismos teológicos e rituais bem-sucedidos”, diluindo assim, “muitas das diferenças [...] existentes entre elas.” (MARIANO, 2005, p. 38-39).
  - 9 Cujo prefixo “neo” é “apropriado para designá-la [terceira onda] tanto por remeter à sua formação recente como ao caráter inovador do neopentecostalismo” (MARIANO, 2005, p. 33).
  - 10 Aquele padre que não se declara carismático, mas para não ficar atrás na concorrência de mercado religioso ‘católico’ e ver sua igreja vazia, incrementa sua prática celebrativa copiando a fórmula da RCC.

## Referências

BENEDETTI, Luiz Roberto. Pentecostalismo, comunidades eclesiais de base e renovação carismática católica. In: MARIZ, Cecília Loreto et al. *Pentecostalismo, Renovação Carismática Católica e Comunidades Eclesiais de Base: uma análise com-*

- parada*. Cadernos CERIS, ano 1 N. 2. Rio de Janeiro: CERIS, 2001. p. 43-72.
- BOGAZ, Antônio S. *Vinho novo, odres velhos?: uma igreja para os novos tempos*. Loyola: São Paulo, 2003.
- CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). *Novas Comunidades Católicas: Em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.
- LENZ, Matias Martinho. Festas religiosas, CEBs e mudanças. In: SANCHIS, Pierre. *Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 121-166. (Coleção Catolicismo no Brasil atual, v. 3).
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais – Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARIZ, Cecília L. *Missão religiosa e migração: “novas comunidades” e igrejas pentecostais brasileiras no exterior*. Anal. Social, nº 190, p. 161-187, 2009.
- MARIZ, Cecília Loreto. Católicos da Libertação, Católicos Renovados e Neopentecostais. In: MARIZ, Cecília Loreto; et all. *Pentecostalismo, Renovação Carismática Católica e Comunidades Eclesiais de Base: uma análise comparada*. Cadernos CERIS, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 17-42, 2001.
- NOGUEIRA, Ivette. *Navegando na vibração cósmica*. Porto Alegre: AGE Editora, 2000.
- ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- RAMOS, Roberto. *Mídia, textos e contextos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- SOUZA, André Ricardo de. *Igreja in concert: Padres cantores, mídia e marketing*. São Paulo: Annablume, 2005.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. da UnB, 1991.
- WEBER, Max. A ciência como vocação. In: WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Tradução de Wãlter Dutra. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

\* Este artigo é parte da dissertação de mestrado apresentada em 2011, na PUC Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Recebido em: 03.02.2011.

Aprovado em: 13.02.2011.

\*\* Doutorando em Ciências da Religião na PUC Goiás. Mestre em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Especialista em Diálogo Ecumênico e Inter-religioso. Graduado em Pedagogia e Teologia. E-mail: antlopes@senado.gov.br